

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO CONTO “ILHADO”, DE RINALDO DE FERNANDES

Silvana Kelly Gomes de Oliveiraⁱ

Olavo Barreto de Souzaⁱⁱ

José Mário da Silva Brancoⁱⁱⁱ

RESUMO: A violência na literatura é algo universal, caracterizando-se como uma temática que perpassa obras nos mais diversos períodos históricos. Vale salientar que este tema transcende o viés da palavra escrita, pois no mundo real, a violência tem tomado o lugar de outros valores pregados pela cultura de paz nas sociedades oriental e ocidental. Nessa pesquisa, o objetivo é analisar o tratamento da violência, além da perspectiva de fenômeno social, concretizada na literatura como um recurso estético presente na produção contemporânea, sobretudo, na contística do escritor Rinaldo de Fernandes, através do conto “Ilhado”. Tomando por base o tema citado, serão evidenciados os dramas sócio-existenciais presentes no enredo, os quais influenciam uma literatura engajada na transmutação da realidade, que permeia a obra e o mundo; e numa objectualidade dos fatos retratados. Será observada uma sociedade aparentemente salutar, mas que mantém suas farsas e simulacros de normalidade, presentificados pelas personagens. Estas últimas ocupam seus devidos papéis sociais, porém guardando um lado oculto e surpreendente no mais íntimo do ser. Os recursos estilísticos utilizados para tais sentidos permitem um lirismo singular perceptível na escrita do autor, junto ao registro vil da violência nos grandes espaços periféricos brasileiros, o que resulta na reflexão crítica incidindo sobre a realidade, e seguidamente, na justificativa da realização do trabalho enquanto debate de uma temática ampla. Aqui, serão utilizadas reflexões teóricas sobre o tema contido em: Krauss (2006), Maciel (2006), Gama (2012), Fonseca (2005), entre outros.

Palavras-chave: Violência. Literatura contemporânea. Rinaldo de Fernandes.

THE VIOLENCE REPRESENTATION IN THE SHORT STORY “ILHADO”, BY RINALDO DE FERNANDES

ABSTRACT: Violence in literature is something universal, characterized as a theme that permeates works in several historical periods. It is worth noting that this issue transcends the written word bias, because in the real world, violence has taken the place of other values preached by the culture of peace in eastern and western societies. In this research, the goal is to analyze the treatment of violence, as well as social phenomenon perspective embodied in the literature as an aesthetic feature in this contemporary production, especially in work of the Rinaldo Fernandes writer through the "Ilhado" short story. Based on the aforementioned issue, the social and existential dramas present in the plot will be shown which influence an engaged literature in the transmutation of reality that permeates the work and the world; and a objectuality of the portrayed events. a seemingly healthy society will be observed, but that keeps their farces and normal simulacra, made present by the characters. The latter occupy their proper social roles, but keeping a hidden and surprising side in the depths of being. The stylistic resources used for such senses allow a perceptible singular lyricism in the author's writing, by the vile record of violence in major Brazilian peripheral areas, which results in critical reflection focusing on the reality, and then, in justification of carrying out the work while debate a broad topic. Here, theoretical reflections will be used on the subject contained in: Krauss (2006), Maciel (2006), Range (2012), Fonseca (2005), among others.

Keywords: Violence; Contemporary Literature; Rinaldo de Fernandes.

ⁱ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade e pesquisadora CAPES (UEPB). E-mail: silvannakelly@hotmail.com

ⁱⁱ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade e pesquisador CAPES (UEPB).

ⁱⁱⁱ Mestre em Letras (UFPB). Professor de Literatura Brasileira e Portuguesa (UFCG).

INTRODUÇÃO

A abordagem da temática da violência relaciona-se a um fenômeno social que se difundiu ao longo do tempo e foi assimilado por uma sociedade submetida ao caos da urbanização. Ao reaparecer no âmbito literário, de modo chocante, reflexivo ou denunciador, a violência transcende o viés da palavra escrita, pois no mundo concreto tem ocupado o lugar de valores pregados pela cultura de paz, através de uma repercussão onipresente. Dessa forma, por possuir caráter multifacetado, indefinido, abrangente, a violência acaba, enfim, encontrando espaço não apenas na realidade, mas também em linhas narrativas cruéis de autores contemporâneos, como Rinaldo de Fernandes, que se utiliza de gêneros – como o conto – para transfigurar suas impressões acerca do mundo observado.

Por essa razão, a proposta do presente artigo é: perceber na ficção do escritor maranhense, radicado na Paraíba, Rinaldo de Fernandes, a incorporação da violência, sumamente recorrente no conto “Ilhado” do livro *O perfume de Roberta*; abordar este tema que subentende os mais diversos tipos de violência (física, simbólica, moral etc); apresentar a expressividade simbólica que o texto literário revela na abordagem da temática; identificar diferentes tipos de manifestações violentas nas situações vividas pelos personagens no referido conto; analisar os recursos estético-literários de que o autor lança mão para discorrer a brutalidade, em sua modalidade estilística; e, por fim, dar maior visibilidade, a quem possa interessar, ao autor Rinaldo de Fernandes, enfatizando a sua efetivação no âmbito da crítica literária local.

Vale salientar que, para embasar os objetivos da pesquisa supracitados, é necessário compreender que a obra de Fernandes se afirma em meio aos recursos ideológicos, temáticos e estético-literários utilizados na transmutação da realidade, tais como uma linguagem imagética, a qual confere um cenário quase cinematográfico aos seus contos. Além disso, refletindo a violência, implícita e explícita em sua escrita criativa, o autor retoma várias questões sociais acerca dos caminhos traçados pelos personagens. Rinaldo traz à reflexão a violência “gratuita” e sangrenta travada por personagens pertencentes a classes sociais intocáveis, materializando-o na figura de um mendigo que obviamente não usufrui dos benefícios materiais da vida, pois nem calçados possui, muito menos dignidade. Assim, ele mostra que temas envolvendo simulacros sociais, expressivamente simbólicos, se inserem incisivos em sua contística.

Nesse sentido, o trabalho visa nos responder a alguns questionamentos, dentre eles: Qual o papel da literatura ao retrabalhar e transfigurar a realidade, imprimindo a ela outras

significações? De que maneira a temática da violência se apresenta na construção das personagens do conto "Ilhado"? Tomando por base tais problematizações, torna-se possível evidenciar os dramas sócioexistenciais presentes na obra do autor, os quais contribuem para a constituição de uma literatura engajada, como também se pode demonstrar, através da abordagem do contexto sócio-histórico-cultural, de que forma as manifestações violentas transmitidas no conto se explica e se aprofunda no comportamento dos personagens.

Pretende-se, também, sob esta perspectiva analítica e bibliográfica, contribuir para os estudos literários tendo como foco um autor contemporâneo que está em plena produtividade. Para desenvolver tal contribuição, as seções que seguem se refere à produção literária do autor em questão e violência, ou seja, à abordagem da violência no âmbito ficcional de Rinaldo de Fernandes; às ponderações acerca do gênero conto e à sua relação com a temática vil da contística do escritor em estudo; e, por fim, às considerações tecidas sobre o conto "Ilhado" no que diz respeito às reflexões críticas de outros estudiosos, bem como à leitura crítico-interpretativa percorrida pelos pesquisadores deste trabalho. Assim, teóricos como Krauss (2006); Maciel (2006); Gama (2012); Fonseca (2005), Freud (2014), entre outros foram relevantes para o embasamento do artigo.

Finalmente, as considerações finais apontam para uma reflexão sobre a análise do conto "Ilhado" feita sob o olhar da violência, tendo em vista uma retomada geral acerca da referida temática. A pertinência do estudo realizado da contística de Rinaldo de Fernandes no que concerne à violência como fenômeno literário é nesta parte apresentada.

1 RINALDO DE FERNANDES E VIOLÊNCIA: BREVE APRESENTAÇÃO DO ESCRITOR

No que se refere, especificamente, ao autor estudado nesta pesquisa, Rinaldo de Fernandes, é interessante trazer alguns aspectos de sua trajetória literária, introduzindo uma ideia sobre sua criação artística baseada nas temáticas que circundam o fenômeno da violência.

Rinaldo de Fernandes é maranhense, radicado na Paraíba, contista, romancista, ensaísta e professor da UFPB, tendo também organizado diversas e prestigiadas antologias de contos e de ensaios. Sua obra é estudada por vários pesquisadores de outras regiões do Brasil e possui uma relevância em diversas linhas de pesquisa da crítica literária contemporânea, as

quais estão cada vez mais aparecendo, tanto pela produção ainda em curso do autor quanto pelo acesso fluente às suas obras e a ele mesmo.

O caçador (1997) é seu primeiro livro de contos (cinquenta contos e microcontos), seguido por *O perfume de Roberta* (2005), contendo dezoito contos; *O professor de piano* (2010), contendo onze contos; *Confidências de um amante quase idiota* (2013), contendo noventa contos e microcontos. Possui dois livros de romance, *Rita no pomar* (2008) e seu *Romeu na estrada* (2014). Ele irá lançar, ainda em 2015, *Contos Reunidos*, contendo uma seção crítica. Outras organizações feitas pelo autor: *O clarim e a oração* (2002); *Chico Buarque do Brasil* (2004); *Contos cruéis* (2006); *Quartas histórias* (2006); *Capitu mandou flores* (2008); *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos* (2013).

De acordo com Gama (2012, p. 22):

Fernandes é uma grande promessa da literatura brasileira contemporânea. Seus temas mais recorrentes, [...] são o condicionamento dos personagens a um contexto sociocultural opressor; a incursão de poesia na narrativa [...]; o amor que sucumbe diante da frieza, indiferença, traição e do egoísmo; e presença de animais e sua simbologia pertinente, ora como projeção dos personagens, ora como elementos típicos do conto dito fantástico. É, enfim, possuidor de uma temática vasta e de uma forma de narrar bastante cativante.

Em se tratando da temática da violência, é interessante perceber o quanto o autor a incorpora em seus contos, como transmutação que suscita reflexão acerca do mundo contemporâneo, trazendo a metaforização nas linhas imaginativas da ficção que se faz a partir deste mundo violento. Nesse sentido, o ensaísta Cristhiano Aguiar se manifesta em um breve comentário a respeito do tema em análise, no livro *O perfume de Roberta*:

A violência é um tema presente em várias das histórias do livro, confirmando uma tendência da nossa prosa contemporânea de refletir sobre este tema. Isto, nos dois sentidos que a palavra “refletir” nos permite: espelhar o real; ou introjetá-lo para, em seguida, transformar este real em questionamento sob forma de linguagem [...] Rinaldo de Fernandes, não obstante não abra mão do experimentalismo, preocupa-se principalmente em nos contar boas histórias realistas, salpicadas, aqui e ali, de grânulos de metaforização, ou de elementos fantásticos e absurdos¹.

¹ AGUIAR, Cristhiano. *O perfume de Roberta*. Disponível em <<http://olaboratorio.wordpress.com>>. Postado em: 04 ago. 2010. Acesso em: 15 ago. 2014.

A autora Farias (2005, s/p.) completa:

[...] os contos de Rinaldo conjugam as duas dimensões, a político-social e a estética, para filtrarem o social pela mediação de determinados recursos linguísticos, imagéticos, míticos e ficcionais que, funcionando como instrumentais óticos de seleção e transfiguração da realidade, se interpõem entre a obra e o mundo empírico nela tematizado, forjando o distanciamento estético, ao mesmo tempo que, sob outro prisma, encurtam este distanciamento pelo recorte subjetivo [...]

O livro, *O perfume de Roberta* (2005), onde se encontra o conto "Ilhado" a ser analisado nesse trabalho, é um material relevante no que se refere à observação da temática da violência perpassada por inúmeras circunstâncias narrativas. Tratar do fenômeno da violência é para Rinaldo de Fernandes uma de suas características centrais de escrita, singularizando-o como autor expoente nessa gama de produções, sobre a qual se deve dar uma atenção especial. Isso fica verificado de forma eloquente em "Duas Margens" e "A morta"; o primeiro tratando do assassinato realizado por uma mãe de seu próprio filho; e o segundo aborda o assassinato de uma jovem mulher pelo seu marido. Há também em seu conto "Ilhado", a trágica narrativa sangrenta em que um casal morre assassinado por um mendigo furioso. Já em "O perfume de Roberta", a violência não é transmitida pela morte, num sentido material, mas sim, pela violação da dignidade que uma adolescente tem sobre seu corpo e imagem. Há também o teor da violência evidente em seu romance, *Rita no Pomar* (2008), em que a psicopata Rita mata sua própria mãe e seu ex-namorado com a frieza impregnada em cada gesto.

Rinaldo transgride as barreiras dos valores sociais simulados no momento de sua escrita ao fazer coexistirem o seu lirismo original, cruamente expressivo e contribuinte para a disseminadora literatura contemporânea, e o relato dos fatos brutais de um mundo farto de crueldades, dando-os ao leitor de maneira sugestiva:

Através da transgressão e da violência Rinaldo de Fernandes capta o drama da sociedade brasileira atual, uma sociedade que sofre o choque de uma modernidade caótica com valores tradicionais, e na qual as pessoas pagam o preço de um suposto progresso através do isolamento e da solidão².

O autor consegue unir elementos extralinguísticos e linguísticos para um entendimento mais profundo de sua obra, sendo os primeiros, essenciais para provocar uma maior

² SCLIAR, Moacyr. Prefácio de *O perfume de Roberta*. In: FERNANDES, Rinaldo. *O perfume de Roberta*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 11.

verossimilhança nos textos, no que tange ao conhecimento de mundo do leitor, oferecendo-lhe a partir disso uma sensação de veracidade dos fatos; e os segundos, para a percepção da singularidade que circunda a escrita de Rinaldo de Fernandes em relação ao assunto da violência, tornando-o único apesar de já haver outros autores trabalhando na mesma esfera. Dentro dessa concepção, Scliar (2005, p. 10) afirma.

[...] isto é importante notar, não falta lirismo à narrativa de Rinaldo de Fernandes, não falta poesia. Poesia e lirismo, ao mesmo tempo em que completam o quadro complexo de uma realidade fragmentada, funcionam como um elemento de resgate, de esperança mesmo – esta esperança que mantém o brasileiro vivo, e que mantém o conto brasileiro vivo. É mérito de Rinaldo de Fernandes ter compatibilizado tantos e tão diferentes componentes. E é prova de seu talento as belas histórias que nos oferece.

Nesse sentido, junto a autores como Dalton Trevisan, Fernando Bonassi, Rubem Fonseca, Marçal Aquino, Fernandes faz em seus famosos contos referência a uma literatura urbana, concisa e imagética, bastante chocante no que se refere ao olhar voltado às crises íntimas e sociais dos seres, por um prisma ficcional. Para tanto, o gênero conto é uma importante forma narrativa que encaixa uma produção entrelaçada pela violência. O próximo tópico discorrerá sobre o gênero e sua expressividade na obra de Rinaldo de Fernandes.

2 O GÊNERO CONTO E A ATMOSFERA VIOLENTA EM RINALDO DE FERNANDES

“[...] Se o romance é um trançado de eventos, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação real ou imaginária, para qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra (BOSI, 1997, p. 8)” Com esta assertiva pode-se refletir sobre o conto, que como um gênero tipicamente literário e diferente do romance lança mão de um recurso bastante peculiar no fluxo diegético: a capacidade de registrar uma ação única na narrativa, embora, cheia de sentidos a serem percebidos pelo leitor. Júlio Cortázar, no ensaio *Alguns aspectos do conto*³, afirma que este tipo de narrativa se compara a fotografia de uma ação. Ação esta que, como dito na afirmação de Alfredo Bosi, se refere a uma situação “real ou imaginária”.

³ CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. Disponível em <<http://paulofernamonteferraz.blogspot.com.br/2011/06/alguns-aspectos-do-conto-julio-cortazar.html>>. Postado em: 24 jul. 2011. Acesso em: 10 jul. 2014.

Essas situações que vão desde a realidade até a imaginação podem ser compreendidas através da vivência do homem contemporâneo que dispõe uma “curta duração” das situações vividas, ou seja, das experiências cada vez mais efêmeras, nas quais a globalização incorpora o modelo da “descartabilidade” do sujeito enquanto produto, bem como de seus afetos. Nesse sentido, o conto “tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” (BOSI, 1997, p. 8), pois trata-se de um gênero “recortado” no que concerne à estrutura menor do que a do romance, que amarra as ações de uma vida humana cotidiana, porém avassaladora em seus detalhes.

Através dessa analogia do conto com o homem contemporâneo, e conseqüentemente com a produção literária contemporânea de Rinaldo de Fernandes, é indispensável afirmar que a definição do gênero é difícil, uma vez que é uma forma narrativa que remonta ao passado mais remoto, caracterizando-se como uma das primeiras manifestações narrativas da humanidade. Sob esta concepção, pode-se afirmar que o conto está para a tragédia, assim como o romance está para a epopeia (GAMA, 2012), tendo em vista a noção de ação como o elemento mais importante da tragédia, segundo Aristóteles. Assim, a crítica Regina Zilberman comenta no posfácio do livro *O professor de piano* (2005):

Em uma de suas conhecidas tiradas, Mário de Andrade sugeriu que conto é tudo aquilo que a gente chama de conto. A formulação, tautológica, mais do que colaborar para a compreensão do gênero, expressa as dificuldades para definir uma forma literária que remonta às primeiras manifestações narrativas da humanidade, encontra-se entre as mais diferentes culturas de todo o planeta e foi praticada pelos maiores gênios da escrita do passado, estabelecendo uma tradição de continuidade que une o mais antigo de nossa história ao mais moderno do presente. (ZILBERMAN, 2010, p. 89)

Por meio dessas considerações, torna-se possível fazer referência a Rinaldo e chamar atenção para o seu artifício como contista, ideia que Zilberman completa.

Da tradição do conto, Rinaldo de Fernandes retira seu nódulo básico – a brevidade do texto, já que, materialmente, as histórias consomem poucas páginas, suscitando, pois, o tipo de leitura previsto por Edgar Allan Poe a propósito da poesia, cuja apropriação se faz de uma só vez. Com efeito, a leitura dos contos de *O professor de piano* supõe um ato único por parte de seu destinatário, que não interrompe sua apreensão dos eventos apresentados antes de chegar a seu final. (2010, p. 90)

Ainda se tratando da célula dramática presente no conto e da ideia defendida por Aristóteles de que a ação é o ponto mais importante da tragédia, é interessante trazer algumas

considerações acerca do gênero que revelem nele aspectos a serem percebidos de forma recorrente. Por exemplo, de acordo com Moisés (1967), a existência de uma única ação, conflito, “história” ou “enredo” se relaciona à concentração de efeitos e pormenores, o que resulta na desconsideração das digressões, divagações e excessos. Ao contrário, ele afirma que “[...] cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese, não se poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto.” (MOISÉS, 1967, p. 41). Não há como não relacionar esta economia de palavras, proposital e insinuadora, com a contística de Rinaldo, pois em sua obra não há descrições frívolas, nem muito menos descrições desprezíveis do ponto de vista que subentende, pressupõe, sugere, na maioria das vezes indícios, circunstâncias, uma condição ou um conflito a ser erguido no enredo. Essa aplicação será vista detidamente na análise do conto “Ilhado”, na última parte deste trabalho.

Com isso, é interessante observar o conto como um gênero propício à temática violenta no que se refere à escrita de Rinaldo, porque a brevidade do texto desmembra a ideia de uma narrativa com um final previsível, assim como desconstrói a regularidade (princípio, meio e fim) em sua estrutura. Importante observar os pontos de contato presentes nos gêneros da literatura, sobretudo no conto, com outras linguagens (cinema, música, fotografia etc). Isso pode ser percebido na abordagem da obra do autor em estudo, que inclusive já teve contos como “Negro” (presente em *O Caçador* e *O perfume de Roberta*), transformado em curta-metragem; como “Procurando o carnaval” (presente nos dois livros também), roteirizado; e como “Duas margens” (*O perfume de Roberta*), roteirizado e adaptado para o cinema através de um média-metragem que já foi lançado em 2012; além do projeto lançado para um longa-metragem com *Rita no pomar*, romance curto.

Assim, é perceptível a incorporação que o autor utiliza em sua produção literária de recursos típicos do cinema contemporâneo tais como o flashback, o qual faz com que a história se inicie pelo “fim” ou pelo “clímax”, deixando o desfecho da narrativa, por vezes, a critério de quem lê, ou só deixando o leitor curioso com os acontecimentos que suscitam os conflitos. Fugindo da concepção de conto tradicional, o seguinte comentário tecidos sobre o autor ganham ênfase por Farias (2005, s/p.)

Alguns intérpretes da contística de Rinaldo já delinearão o traçado de sua modelação narrativa, cuja peculiaridade mais significativa consiste não na observância de um paradigma fixo, mas, ao contrário, no remanejamento de recursos que, embora conservando as peculiaridades básicas do gênero, ultrapassam o cerceamento modelar dos contos ditos tradicionais com suas estruturas lineares e tipificação redutora.

A partir dessa perspectiva, ele traça uma narrativa curta que amarra os acontecimentos em uma ação, em um drama ou conflito, em favor da imaginação do leitor, pois “o conto já não se propõe somente a dar respostas, sob forma ficcional; ao contrário, muitas vezes ele desperta inquietações” (SCLIAR, 2005, p. 10), percorrendo a atmosfera densa das narrativas violentas, em especial. Em suma, o contista Rinaldo se vale das entrelinhas, suscitando o preenchimento de lacunas que propiciam a imaginação e as reflexões, sobretudo, acerca das questões sociais presentes em sua obra.

3 ANÁLISE DO CONTO “ILHADO”

O conto em análise, “Ilhado”, ambienta-se no espaço despojado da praia, à noite, servindo de cenário para um restaurante onde um grande conflito acontece. Um mendigo entra em cena e furta os tênis de um rapaz que chega para visitar sua namorada, visita que acontece geralmente aos sábados. O clima de tensão durante a narrativa se instala a partir da luta corporal entre homem e o mendigo, em decorrência dos pertences furtados. Ele resolve fazer “justiça com as próprias mãos” e a atmosfera densa se impõe em meio à narrativa. A namorada, assustada, se recua e tenta apaziguar a situação, mas os fatos que procedem retomam o teor violento presente em todo o conto. Assim, o mendigo decide voltar para se vingar do homem que o agrediu e, desta vez, faz uso de um facão, o que indica o desejo incontrolável de ceifar a vida daqueles que o feriram física e moralmente.

Vale ressaltar que a câmera fotográfica, comparada aos olhos do narrador, indica a percepção de um ambiente cercado por evidências sociais que permeiam as ações dos personagens, reforçadas simbolicamente pela imagem da praia, do restaurante, do barco, e, sobretudo da ilha. Desse modo, a partir da complicação dada, o narrador, antes só observador, salta para a situação atuando de maneira significativa, pois não só tenta avisar ao casal sobre o mendigo que volta para a revanche, como também se insere no contexto perturbador de fuga, juntando-se ao casal que o leva ao barco, válvula de escape para personagens assustados com o enfurecido antagonista.

O contraste entre a tranquilidade da praia e o medo da morte se faz indispensável para a compreensão do sentido que a ilha traz para o conto. A ilha, lugar de salvação, simbolicamente um paraíso, distante das outras terras e da sociedade, indica o lugar perfeito para a fuga daqueles que estariam em perigo na “terra” marcada pelos conflitos sociais. Com base nisso, torna-se mais clara a compulsão do mendigo, que tenta invadir às cegas este

espaço que leva ao “paraíso”. Assim, ele mergulha nas ondas, em direção ao meio que levaria seus fugitivos a tão desejada ilha, o barco. Com as facadas e persistência consegue adentrá-lo, matando o casal, mas não se contenta e busca o narrador que desesperadamente tenta fugir. Este último, porém, consegue se safar e, com o facão roubado do mendigo, dilacera o seu corpo, deixando-o retido nas águas. No fim do conto, diante de um momento de pura vertigem, o narrador acredita estar na areia do restaurante, mas logo depois percebe a tão desejada ilha à sua frente.

3.1 SUBJETIVIDADE: CRÍTICA E OUTRAS LEITURAS

O conto “Ilhado” também retém o olhar da crítica literária, pois evidencia um caráter violento em seu enredo que chama a atenção daqueles que estudam a obra de Fernandes. Para tanto, alguns comentários são tecidos acerca da narrativa, avaliando tanto a temática abordada quanto à simbologia que existe por trás das palavras.

Assim, ainda no prefácio do livro *O perfume de Roberta*, Scliar (2005, p. 11) considera o olhar social:

Já em “Ilhado” temos um verdadeiro retrato dos contrastes brasileiros: de um lado, um casal apaixonado, o mar, uma ilha paradisíaca; de outro, a violência das ruas brasileiras, personificada num mendigo enfurecido. No meio – ilhado – o narrador e sua perplexidade.

Amador Ribeiro Neto⁴, em sua resenha *Mar de contos*, completa a ideia da construção do narrador transmutado em um assassino, o que causa uma surpresa no leitor ciente, inicialmente, de que ele seria um mero observador dos fatos:

O narrador que bebe calmamente um uísque à beira-mar vê-se transformado num assassino a partir de um motivo banal: o roubo de um par de tênis. O leitor aflige-se com a mudança de perspectiva numa noite enluarada e vê o mar tingir-se de vermelho. Ao final o narrador encontra-se literalmente ilhado entre os percalços do inusitado. (NETO, 2006, s/p.)

Krauss (2006b, s/p.) afirma que este conto é um dos melhores do livro, pois revela a marca do imprevisto típica de Rinaldo de Fernandes:

⁴ Autor da resenha publicada no *Jornal do Brasil*, suplemento “Ideias”, em 28/01/2006. Amador Ribeiro Neto é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor de Literatura na Universidade Federal da Paraíba.

"*Ilhado*", o primeiro e um dos melhores contos de *O perfume de Roberta*, já dá uma mostra do que vai ser o restante do livro. O ritmo começa com suavidade, na descrição de um velho restaurante e de seus elementos, como o garçom preguiçoso, a cozinheira que põe a cabeça na janelinha de atendimento e a presença pacata de seus fregueses. [...] O que parecia ser mais uma noite tranquila de bebidas, pratos de camarão e conversa à toa nas mesas quase vazias começa a se transformar com a chegada de um mendigo, que rouba um par de tênis largado por um dos fregueses enquanto este namora na beira da praia. Em minutos, a calmaria vira um inferno de luta, sangue, facão e morte.

Sob outra perspectiva, Maciel (2006, s/p) afirma que um dos temas predominantes em Rinaldo, também, é a solidão. Ele afirma que enquanto há os que se debatem entre a vida e a morte, como poderá se perceber em "Ilhado", há sempre alguém (o narrador, no mais das vezes) que se encontra na solidão, embora por alguns momentos se envolva num turbilhão de fatos alheios à sua vontade ou expectativa. O crítico ainda aborda que isso acontece no caso do narrador de "Ilhado", uma vez que ele tomava uísque no restaurante de uma praia, certamente para sentir-se relaxado, quando se viu envolvido numa tragédia. Como em algumas obras de Rinaldo é comum haver um desfecho trágico, a carnificina em "Ilhado" vai num crescendo que o leitor nem percebe a lenta transformação do romantismo dos namorados à beira-mar em pura tragicidade (MACIEL, 2006, s/p).

Quanto ao ambiente, assim como Rinaldo tem preferência pelo espaço da grande São Paulo em algumas de suas narrativas, também utiliza bastante o espaço do mar, fato que chama atenção do crítico Maciel (2006, s/p):

O mar é uma constante nas peças ficcionais de Rinaldo. Não exatamente o mar. Na verdade, não se vêem pescadores, banhistas ou surfistas. O mar é muito mais referência de ambiente, às vezes pano-de-fundo ("O mar espuma, adiante, nos arrecifes"), mas sempre presente. Toda a tragédia de "Ilhado" se inicia à beira-mar e termina em pleno mar, num barco.

O mesmo crítico faz referência também ao tempo que é utilizado na narrativa em questão, tempo este que se assemelha a um roteiro de cinema, trazendo imediatamente a relação com o caráter cinematográfico que Rinaldo lança mão na construção de algumas de suas narrativas:

Algumas obras de Rinaldo, constituídos de breves quadros, lembram roteiros de cinema. Divididos em blocos, geralmente em razão da mudança de tempo. Assim, em "Ilhado", cortado em três segmentos, se pode ver claramente que no primeiro a cena é quase

parada, com pouca movimentação dos seres: o narrador, a mulher sentada à mesa, a chegada do homem num barco, a cozinheira do bar e o garçom. No segundo segmento surge o mendigo, que será o personagem central da trama. E, por último, a cena do ataque do mendigo ao narrador, à mulher e ao homem do barco. Tudo em alguns minutos. (MACIEL, 2006, s/p)

Dessa forma, pode-se deduzir que o conto “Ilhado” é “mar” que abriga várias possibilidades de leitura. Todavia, as perspectivas social e simbólica prevalecem na análise que seguirá no próximo tópico, apesar de haver arrolamentos acerca da estética e da temática do texto como forma de estender o olhar sobre o enredo.

3.2 “ILHADO”: EXPRESSÃO SIMBÓLICA, LINGUAGEM E VIOLÊNCIA

O autor Rinaldo de Fernandes provoca, através deste conto, uma reflexão social permeada por uma escrita descritiva, por isso imagética, dentro dos moldes estilísticos do contista. Essa reflexão desemboca nos sentidos que os cenários descritos contribuem para a percepção das extremas diferenças sociais que coexistem num mesmo espaço. O narrador, antes apenas observador, salta para o cenário praticando um ato violento em defesa de sua vida e acaba virando o protagonista. O mendigo, invasor, cai sobre sua própria desgraça por não conseguir sobreviver. E os personagens secundários atuam como figurantes de um grande espetáculo que envolve crime, sangue e delírio, dentro de uma descrição quase cinematográfica que o narrador vai criando à sua frente. A atmosfera tensa abala a paz da praia e finalmente se configura como o estopim do enredo.

O narrador-observador, sentado no restaurante, descreve o ambiente à sua volta, transparecendo um ar de tranquilidade: “No velho restaurante, as mesas e plantas com jarros fendidos espalhadas nas areias da praia, sob as sombras de sete coqueiros (conferi e reconferi logo após me sentar) [...]” (FERNANDES, 2005, p. 15), e demonstrando uma observação atenta sobre os detalhes, o que fica verificado no reforço que o verbo “conferir” evoca. “Tomo mais um gole do meu terceiro uísque, [...]” (FERNANDES, 2005, p. 15) é uma passagem que indica a posição social privilegiada ocupada pelo narrador, que se confirma através da escolha de sua bebida (uísque) e o prato de camarão, de custo alto, além de haver revelado num diálogo com o garçom o motivo de estar ali, indicando também seu ofício de conferencista, homem de conhecimento, instalado num hotel: “Cheguei ontem aqui na cidade. Vim fazer uma conferência, vai ser na segunda. Estou num hotel mais adiante.” (FERNANDES, 2005, p. 20).

A praia se apresenta como um cenário natural que enfeita um meio urbano, aparecendo desde as primeiras descrições da narrativa: “O mar espuma, adiante, nos arrecifes.” (FERNANDES, 2005, p. 15), o que pode ser compreendido como um encontro entre o artificial e o natural, ou o choque entre extremos. O mar também pode ser o símbolo da dinâmica da vida que se desencadeia pelo estado incerto, ambivalente que pode resultar no bem ou no mal, na vida e na morte. Tal dualidade pode ser percebida no momento em que o mendigo invade as águas do mar em busca dos três personagens que tentam fugir: “Em pouco tempo batemos com ele na água, as ondas zoando, impetuosas. O mendigo vem com muita força, o facão faiscando.” (FERNANDES, 2005, p. 22). Por outro lado, o mar, para os místicos, pode expressar o coração humano, enquanto lugar de paixões, que fica perceptível nas seguintes passagens: “[...] ele puxa a mulher para perto da onda, levanta-a nos braços, ameaça atirá-la nas águas. Os dois, abraçados, rodam, riem muito. O mar barulhando nos arrecifes.” (FERNANDES, 2005, p. 17). Assim, o símbolo do mar, tendo em vista um lugar de transformações e renascimento, fluxo e refluxo, para Freud (1972), pode representar neste conto uma simbologia forte para o narrador antes observador, e depois, narrador protagonista e assassino, indicando a metamorfose sofrida por ele dentro das águas, no momento em que ele consegue matar o mendigo: “O golpe é firme, ele geme, revolvendo-se na água.” (FERNANDES, 2005, p. 25).

É interessante observar que nenhum dos personagens possui nome próprio, transmitindo o caráter de humanidade que todos eles assumem. Por exemplo, o garçom, a cozinheira, a namorada, o homem, o mendigo são figuras que surgem na narrativa como uma representação da realidade, o que confere ao texto um tom trágico, mas também realista. A *mimesis* discutida por Aristóteles em *Poética*, nesse contexto, ganha corpo, pois evidencia na arte poética as tragédias e conflitos puramente humanos. Apesar de que o garçom e a cozinheira são os que menos aparecem, não influenciando fortemente nos acontecimentos: “O garçom cochila [...]” (FERNANDES, 2005, p. 15); “O garçom permanece parado, a cabeça agora pendida para trás. A cozinheira, pensativa, roça a mão no braço.” (FERNANDES, 2005, p. 16); “Após empurrar o prato de camarão nas mãos do garçom, a cozinheira lança para mim um olhar duro, de quem não está mais a fim de clientes.” (FERNANDES, 2005, p. 16). Nesse sentido, pode-se observar que o homem, ao perceber a ausência dos seus tênis, se direciona primeiramente ao garçom para intimidá-lo:

Após o casal voltar para a mesa, o homem segue até o garçom, faz gestos duros, querendo saber dos tênis. O garçom, batendo muito as pestanas, passa

a mão no rosto, diz que na sabe de nada. O homem dá um grito, diz que não pode, os tênis estavam ali. (FERNANDES, 2005, p. 17-18)

Nessa passagem, a intimidação feita pelo homem bravo por causa da ausência súbita de seus tênis revela a violência verbal – também simbólica – direcionada àquele garçom, pertencente a uma classe de trabalhadores sem prestígio social, e fruto inconsciente do homem, que aos gritos denuncia sua verdade embutida: o garçom como alguém suscetível à prática do furto, devido ao seu salário pouco ou razoável, inferior ao seu, provavelmente.

Este homem, dessa forma, se mostra como pertencente a uma classe social privilegiada, visto que possui tênis caros, um barco e mora numa ilha, distante da sociedade, representação de um “paraíso” desconhecido até então pelo narrador que questiona ao garçom acerca do casal observado:

Ele mora lá. Navega no sábado para aqui. Vem encontrar-se com a namorada. É dos últimos clientes, mas sempre vem, só fecho quando ele vai embora, a mulher toma um táxi ali na avenida. Há três anos que ele faz essa travessia, todas as noites de sábado. (FERNANDES, 2005, p. 20)

Além disso, fica subentendido se a referida mulher trata-se de uma amante, para encontros casuais nos sábados, o que poderia integrar mais um sentido à construção da personagem masculina, possuidor de bens e de uma mulher a seu dispor, ou se se trata apenas de um relacionamento convencional com a mulher, sua namorada, livre de compromissos maritais. No entanto, o fato de ela tomar um táxi na avenida e não ir embora com ele no barco, em direção à ilha, pode indicar, de certo modo, a situação conjugal do sujeito cujos traços de identificação de uma vida pessoal são pouco marcados, a não ser pelo o que acontece no momento em que está no restaurante. Sendo assim, não há indícios claros no texto que revelem se ele é realmente um homem sozinho na ilha.

O mendigo, por sua vez, aparece como o antagonista da narrativa, interrompendo a paz predominante do ambiente praiano: “O mendigo vê os tênis amarelos perto da planta, apanha-os, enfia nos pés, arroteia pelo outro lado [...]” (FERNANDES, 2005, p. 17) ao furtar o par de tênis do homem que está com a namorada nas águas, beijando-a. Aqui, pode-se considerar um início de complicação narrativa, pois a partir deste acontecimento, a sucessão de conflitos se apresenta:

Vejo quando o homem, no alto, arrasta consigo o mendigo pelos cabelos, bate-lhe com a cabeça no cimento aos berros: - Filho da puta! O mendigo,

tonto, tenta se defender aos golpes. O homem arranca-lhe os tênis e puxa-o perigosamente até a beira do terraço. (FERNANDES, p. 19)

O homem, confrontado pelo ódio ao mendigo, seu opositor numa luta corporal extremamente violenta, aparece na narrativa inicialmente como um herói, que não se deixa abater, e se mostra irreverente diante da situação de busca pelos seus tênis, símbolo de uma sociedade que prima o capitalismo como forma de vida. A violência física: “Segura mais firme e volta a bater com o outro no cimento. Algo agora brilha (sangue? suor?) ao luar.”; a violência verbal/ moral: “Ladrão! Filho da puta!” (FERNANDES, 2005, p. 19); e, finalmente, a simbólica, por haver um choque social em que a condição dos dois antecede o acontecimento, são tipos de violência que coexistem no momento da agressão física. No entanto, o homem tem sua certeza de vencedor abalada quando o mendigo resolve voltar. Fazendo uma analogia ao romance perturbador de Marçal Aquino, *O Invasor*⁵, o sujeito, ao invés de ir embora depois de ter “o que merecia”, ele volta e invade a zona de conforto das pessoas, comprometendo-as, sendo este retorno inesperado por todos: “[...] aparece o mendigo com um facão. Percebo nos gestos, nos passos, que ele está furioso.” (FERNANDES, 2005, p. 21)

A narrativa em primeira pessoa faz com que os acontecimentos se aproximem do leitor, além do toque realista que permeia os elementos de uma vivência coletiva. Isso se faz perceptível principalmente quando um narrador-observador sai do seu lugar de “fotógrafo” do espaço e dos fatos para ocupar o lugar do protagonista da narrativa, dando ao texto uma ruptura ou quebra do horizonte de expectativa do leitor, o que revela um recurso típico do conto moderno. Ao avisar ao casal sobre o mendigo que se aproxima enfurecido e de olhos cravados na vingança, o narrador se insere nos fatos, juntando-se ao casal em fuga: “[...] O homem puxa a namorada pelo braço, me vê próximo, diz: - Para o barco! Avançamos os três pela areia, os tênis zunindo ao vento, o mendigo vindo atrás com uma força que eu sequer havia desconfiado [...]” (FERNANDES, 2005, p. 22). O barco como símbolo de travessia, aventura, rito de passagem para “outro mundo”, o qual seria materializado pela ilha, representa nesse contexto, como nos mitos que consideram o barco lunar hindu, aquele que carrega as almas para a nova encarnação, e possui uma associação com o ciclo lunar e com as deusas da lua, que detêm o poder da vida, da morte e do renascimento, conferindo ao indivíduo a imortalidade. Assim, o símbolo da morte e do renascimento relacionados ao mar aparece novamente. O supremo desejo de imortalidade se mostra nessa parte do conto

⁵ AQUINO, Marçal. *O invasor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

simbolizado pelo transporte das três “almas” para o “paraíso” que é a ilha, havendo uma série de atos violentos que desconstruem a tão sonhada salvação numa terra distante do cenário urbano, conflituoso por causa do personagem vilão, o mendigo.

Num primeiro instante, os três (narrador, homem e mulher) creem ter conseguido fugir do mendigo, recuperando provisoriamente o clima de paz e alívio: “O barco ronca nas águas. A mulher vira o rosto para o homem: - O que foi aquilo, amor? – Já passou, meu bem.” Porém, a atmosfera de tranquilidade mais uma vez (diga-se, a terceira vez) é quebrada e o mendigo ressurgiu como uma fênix, só que desta vez não é das cinzas, mas sim das águas. Ele consegue invadir a zona de conforto do barco, meio para a salvação, se aproximando demais dos seus oponentes, inimigos mortais. O clima tenso e perturbador se instala através da violência física novamente, travando entre o mendigo e os três personagens uma luta de sobrevivência. Mas a mulher é atingida, sendo a primeira a morrer, numa violência sangrenta e gratuita, visto que nada ela o fez diretamente: “[...] E é a primeira a ser atingida pelo facão, que lhe rasga o rosto, decepa-lhe parte do nariz. O sangue espirra nas tábuas.” (FERNANDES, 2005, p. 24). Nesse fragmento, o narrador descreve a cena brutal com tamanha clareza, por um relato mesclado de frieza, não envolvendo piedade, mas retratando a vida tal como ela é, crua e fatal. Pode-se comparar tal relato com o conto “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca, no qual o narrador-personagem, enquanto ladrão revoltado, exaltando-se por meio de uma violência gratuita e sangrenta, diz: “Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone.” (FONSECA, 1975, p. 13).

Nesse mesmo sentido, o mendigo continua a sua luta para ceifar a vida dos dois homens que restaram à sua vista, conseguindo êxito com o homem dono dos tênis, alvo principal: “O homem dá um berro, segurando o olho ensanguentado – e o mendigo golpeia-lhe o pescoço. O homem pende e cai na água.” (FERNANDES, 2005, p. 24). A frieza do narrador frente a um cadáver para tentar se defender aparece na seguinte passagem: “Aí uma coisa aparece junto a mim, um objeto roçando no meu braço – e reconheço. É o corpo do homem boiando. Me seguro nele, respiro um pouco.” Mas o mendigo não consegue alcançar o narrador, que reaparece no conto não mais como um observador de tudo que o cerca, mas como um assassino feroz, num desfecho com o tom de heroicidade: “Mas eu aí baixo com toda força o facão no infeliz [...]. Sempre amparado no corpo do homem, me aproximo mais do mendigo e desfecho-lhe mais um golpe, esbalgalhando-lhe as costelas.” O desejo de matança se cumpre, enfim, fazendo com o ambiente de paz seja retomado: “Avisto o barco

adiante. Nado, com enorme dificuldade, para ele. Consigo alcançá-lo, subo pela proa.” (FERNANDES, 2005, p. 25). É interessante salientar a personagem complexa que se configura através do narrador-personagem que dá uma reviravolta na narrativa, surpreendendo o leitor, talvez ciente de que um homem conferencista, possuidor de um valor social jamais pudesse assumir posteriormente um papel de assassino cruel.

Por fim, existe uma mistura entre realidade e imaginação do narrador, resultando num delírio, pois ele parece desmaiar após a sucessão de atrocidade:

As cores me vão rareando, as luzes muito distantes dos postes da avenida. Me foge o barulho do mar, vou esmorecendo, deito nas tábuas. Ainda ouço um movimento na água – mas tudo fica calmo, só o barco navegando devagar, o motor desligado. Tudo se mistura, apaga e clareia. O vento forte, uma planta pende, o jarro esmaga os pés do garçom. Muito sangue pingando dos galhos e folhas. O barco, de repente, sacoleja. O casco batendo em rochas. Ergo a cabeça – a praia bem perto, as pedras escuras. Um único coqueiro. Eu estou na ilha. (FERNANDES, 2005, p. 25-26)

O processo de confusão mental, em que os fatos ocorridos circulam tanto pelo consciente quanto pelo inconsciente, se afirma pelo baque de realidade provocado através do casco batendo em rochas, indicando a chegada do narrador à ilha. Esta última pode evocar uma área isolada da psique (consciente – momento em que o narrador acorda) – segundo os estudiosos da psicanálise, como Freud (2004), e da relação entre psicanálise e literatura, como Brandão (1996) – sobre a qual o indivíduo possui não consegue ligação com o resto da personalidade consciente por estar “ilhado”, daí o título do conto (personalidade de um homem dado à vida programada na “terra”). O lado inconsciente da psique, por sua vez, está contido pelo mar, num simbolismo que se refere à parte em que as imagens e cores vão se confundindo na mente do narrador, num momento de total desordenação (FREUD, 2014).

Por outro lado, é como se o narrador, delineando o tom de heroicidade na narrativa, consumado pelo assassinato do mendigo em defesa da própria existência, conseguisse a revanche de ter vencido o seu oponente, mesmo tendo sido retirado de sua zona de conforto sem motivos aparentes, merecendo metaforicamente o “paraíso perdido”, perspectiva da mitologia grega em relação ao símbolo da ilha. Esse aspecto de “paraíso” é reforçado quando o narrador consegue, enfim, adentrar num universo que não pertencia a ele, que não passava de um objeto de observação transpassado pela “câmera fotográfica” de seus olhos. O triunfo se apresenta para um homem de negócios marcados, de maneira transgressora, surpreendendo o leitor quanto à sua criação imagética de figura séria e imparcial, rompendo-a junto às novas modulações que o enredo vai formando ao longo da leitura. A sua inserção numa estória que

inicialmente o apresenta como mero descritor dos acontecimentos, mas depois o puxa para o papel de protagonista, faz com que o “outro mundo” o aguarde: a ilha, retiro da vida social, linear, certa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura produzida sob a atmosfera da violência, por fim, oferece uma transfiguração da realidade numa perspectiva pouco usual ao cânone literário, que é trazer os temas que permeiem a marginalização. Nada tendo de românticos, portanto, com nuances bastante realistas, estes temas têm o intuito de dar vida aos espaços de exclusão, dar vez aos testemunhos de uma atrocidade e voz aos atuantes da violência, e de contribuir, através de uma reflexão, para a valorização da arte de modificar a realidade em um espaço plural e sugestivo, presentificado na obra literária. Além disso, ganha relevância ao conter expressividade simbólica nas linhas imaginativas, as quais deixam na maioria das vezes estes sentidos transcendentais, implícitos, instigando o leitor a descobri-los e analisá-los.

Assim, mediante as apreciações feitas nesta pesquisa acerca da temática da violência, que partem desde o percurso histórico da mesma até a produção literária contemporânea refinada pelo conto escolhido na análise, pode-se perceber um diferencial no autor Rinaldo de Fernandes, foco do trabalho. Ele apresenta sua produção em prosa moderna não somente pelo prisma do intimismo do homem solitário ou da metalinguagem como tentativa de amarrar a linguagem em meio aos tempos “líquidos”. Amarra, sim, a linguagem, através da forma narrativa do conto, aplicando um registro perspicaz e surpreendente em sua obra num todo. Por isso, com base na contística do autor, é possível responder ao questionamento feito na parte introdutória: Qual o papel da literatura ao retrabalhar e transfigurar a realidade, imprimindo a ela outras significações?

No contexto manifestativo de Rinaldo de Fernandes, é interessante ressaltar que o papel da sua produção de contos que circundam esta temática, de teor chocante, é retrabalhar uma linguagem que, que surpreende o leitor com o desfecho trágico e cruel, conclusão de uma narrativa longe do relato exaustivo de descrições desprezíveis ou da violência salpicada por moralidade. Embora com tonalidades poéticas perceptíveis, o artista em questão produz em cima da frieza dos relatos, um tanto econômicos no que se refere à “apelação” descritiva, recheados por personagens que não recebem penalidades, o que resulta na ausência de vilões

culpados e “mocinhos”. Ou seja, o autor trabalha com uma linguagem imbuída pelas marcas do perverso e do imprevisto.

Isso fica verificado nas linhas do conto “Ilhado”, conto este que confirma a linha de produção que o autor segue: estética singular de uma escrita que se desdobra no viés da violência; sentidos pluralizados tanto pelo teor simbólico, abstrato, quanto pela vivacidade, concretude ou realismo sangrento dos fatos; reflexão ideológica das posições sociais que se encontram a todo instante no espaço urbano e violento; enfim, uma recepção muito positivada crítica literária.

O presente trabalho trouxe um aporte teórico relacionado à violência e à produção literária com a finalidade de debater sobre esta temática, de certo modo, polêmica, e com isso, abrir, cada vez mais, espaço na esfera narrativa em consonância com o fenômeno social. Já com vistas à temática enquanto fenômeno literário, como foi apresentado durante todo o artigo, a averiguação das questões trazidas é pretendida no sentido de reconhecer a importância da literatura no tratamento de quesitos sociais imanentes a um determinado período histórico, sobretudo na contemporaneidade, uma vez que o Rinaldo de Fernandes está em pleno exercício de produção.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Cristhiano. *O perfume de Roberta*. Disponível em: <<http://olaboratorio.wordpress.com>>. Postado em: 4 ago. 2010. Acesso: 15 ago. 2014.
- AQUINO, Marçal. *O invasor*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: _____. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRANDÃO, Ruth Silvano. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.
- FARIAS, Sônia L. Ramalho de. O perfume de Roberta – uma contística anfíbia: entre o social e o estético. *Iararana: Revista de Arte, Crítica e Literatura*, Salvador, v. 13, p. 138-144, 2007.
- FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. *O professor de piano*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. *Rita no pomar*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2008.

_____. *O caçador*. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

FONSECA, Rubem. Feliz ano novo. In: _____. *Feliz ano novo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 13.

FREUD, Sigmund. *Compêndio de psicanálise*. Trad. Renato Zwick. Rev. Téc. Noemi Moritz Kon. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

_____. *A interpretação de sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, [1900] 1972.

GAMA, Gloria Maria Oliveira. Escrita masculina/personagens femininas: os contos de Rinaldo de Fernandes. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

KRAUSS, Paulo. A marca do imprevisto. *Rascunho*, Curitiba, n. 70, 2006.

MACIEL, Nilto. *O maduro fruto da solidão*. Disponível em:
<<http://cronopios.com.br/site/resenhas.asp?id=1079>>. Postado em: 03 mar. 2006. Acesso em: 01 ago. 2014.

MOISES, Massaud. *A criação literária*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

RIBEIRO NETO, Amador. Mar de contos: Rinaldo de Fernandes revela cuidado com descrições precisas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jan. 2006. Caderno Ideias.

SCLIAR, Moacyr. A arte do conto. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O perfume de Roberta*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 9-11. (Prefácio)

ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O professor de piano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 89 - 94. (Posfácio)